

# O PREÇO DO JULGAMENTO PRECIPITADO, A LENDA DE GELERT

*Por Aínor Francisco Lotério*

## **Introdução: As Marcas Ocultas da Educação e a Força da Memória**

Há textos que deitam raízes profundas na alma, moldando nosso caráter e visão de mundo. A preparação para declamar uma poesia na juventude vai além do exercício de oratória; é um processo de absorção cultural que se impregna na identidade. A educação humanista influencia nossa trajetória de forma incomensurável, pois certos relatos carregam uma força arquetípica capaz de atravessar gerações e encontrar eco imediato em nossas vivências.

Reapresentar esta narrativa evoca uma profunda emoção e reverência. Recordar os ensaios e a solenidade do ambiente escolar traz uma saudade transformadora, que faz refletir sobre o poder dos educadores ao colocar diante dos jovens textos que gritam verdades universais. Ao revisitar a lenda que outrora recitei, percebo que a semente plantada pela pedagogia floresceu em uma busca constante pela compreensão das ações humanas.

## **1. Origem galesa da lenda**

A raiz da lenda está no País de Gales, ligada à pequena vila de Beddgelert, cujo nome significa "o túmulo de Gelert". Ali, um monumento de pedra ainda hoje marca o suposto local onde o animal teria sido enterrado. Por séculos viajantes visitaram o sítio acreditando na veracidade do episódio, embora historiadores considerem que o monumento tenha sido erguido no século XVIII como atração, aproveitando um motivo narrativo muito mais antigo e disperso por diferentes culturas. Mais detalhes sobre a perspectiva histórica de Gales e seus desdobramentos podem ser acessados em: <https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofWales/The-legend-of-brave-Gelert/>

## **2. Um motivo universal**

O motivo do animal fiel morto por engano ao ser confundido com o agressor que na verdade combateu para proteger uma criança aparece em variantes por toda a Ásia, Oriente Médio e Europa medieval, associado a cães, mangustos ou falcões. A tradição galesa vinculou essa estrutura narrativa universal à figura histórica de Llywelyn, o Grande, príncipe de Gwynedd no século XIII, dando-lhe nome, lugar e uma moldura de tragédia pessoal memorável.

## **3. A versão em língua portuguesa**

A versão que fixou a lenda na literatura ocidental de língua inglesa foi o poema de William Robert Spencer em 1800, que popularizou a história e a levou a livros escolares e antologias de declamação. No Brasil e em Portugal, a lenda ganhou vida através de adaptações livres em verso que circularam em compêndios de leitura escolar, gênero muito praticado nas escolas até meados do século XX, quando saber recitar de cor um poema longo era parte da formação dos estudantes.

#### 4. O sentido profundo e o custo do julgamento precipitado

A essência dramática de Gelert repousa sobre a inclinação humana para o julgamento imediato, impulsionado pela fúria ou pelas aparências. O preço pago por essa precipitação é a irreversibilidade do erro. No tribunal instantâneo construído pela emoção, não há espaço para a paciência. O agressor assume o papel de juiz e executor em uma fração de segundo, obliterando anos de fidelidade e dedicação baseando-se unicamente em um cenário mal compreendido.

A pressa em condenar opera sob a mesma mecânica trágica nas praças virtuais e relações da atualidade. As consequências são devastadoras: a destruição de reputações e a instalação de um remorso perene. O arrependimento tardio, embora pedagógico, é incapaz de restaurar o que foi destruído. O monumento erguido pelo caçador simboliza a tentativa de aplacar a culpa, ensinando que a verdadeira sabedoria reside na capacidade de respirar diante do caos e permitir que a verdade se revele antes que a lâmina do preconceito seja desferida.

#### 5. A lembrança pessoal e o MOBRESC

Ainor Francisco Lotério recitou esta poesia quando estudava no antigo ginásio, no Colégio Frei Manuel Felipe, em Imbuia, participando de um encontro do MOBRESC, o Encontro do Mobral Cultural do Estado de Santa Catarina, realizado em Ituporanga. O MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização, foi criado em 1967 com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos, e mantinha um braço voltado à difusão da cultura popular que promovia a arte local criada por alunos e professores.

#### 6. O professor Volnei Luís Lutz

O incentivo para essa recitação veio do saudoso professor Volnei Luís Lutz, natural de Ituporanga e que viveu muitos anos em Imbuia, onde foi criador do Ensino Médio local, promotor de gincanas e líder comunitário. Na área cultural, orientava seus alunos à leitura dos clássicos mundiais. Foi homenageado na ALESC pelo deputado Sargento Amauri Soares, que o descreveu como uma referência capaz de fazer gerações de jovens olharem para além do horizonte das montanhas, enxergando um mundo de possibilidades maior.

---

## GELERT

Chamavam-no Gelert, famoso cão de raça,  
Que um caçador famoso, um doido pela caça,  
Mandou vir de fora a peso de dinheiro.  
Era um ídolo o cão, o orgulho do monteiro.

Valente como um leão, ligeiro como o vento,  
Tinha o olhar humano e o fino sentimento

Desses cães de estirpe, heróis de mil façanhas,  
Capazes de guiar alguém nas montanhas.

O fidalgo tinha um filho, uma criança,  
Um anjinho de ouro, a sua única esperança,  
Que ainda no berço, entre rendas dormia,  
E a quem Gelert guardava e com quem sorria.

Um dia, o caçador, ouvindo a voz da selva,  
Partiu com a matilha, pisando a verde relva,  
E deixou no castelo, à guarda do canino,  
O berço de cetim e o corpo do menino.

Mas eis que, de repente, uma sombra terrível  
Entrou pelo palácio, em marcha imperceptível.  
Era um lobo voraz, faminto e sangrento,  
Que vinha para o berço em passo barlavento.

Gelert saltou na frente, feroz, de dentes nus,  
E travou-se o combate à sombra e à fumaça da luz.  
Mordera o lobo o cão, e o cão mordera o lobo,  
Numa luta de morte, num lúgubre cenário bobo.

Ganhou o cão fiel! O monstro estava morto,  
Mas o quarto ficou num medonho desconforto.  
Sangue por toda a parte, as colchas arrastadas,  
E as marcas do combate nas paredes pintadas.

Nisto, chega o senhor, volta da caçada,  
E vê o cão sair, à porta da entrada,  
Abanando a cauda, em festa, arquejando,  
Mas com a boca em sangue, a babar e espumando.

"Ah! Monstro!", grita o pai, num ímpeto de louco,  
"Mataste o meu filhinho, o meu tesouro, o meu pouco!"  
E cego de furor, sem ver a realidade,  
Cravou no coração do cão, com crueldade,  
A espada que trazia. O pobre do animal,  
Dando um gemido longo, num olhar terminal,

Olhou para o senhor com dor e com carinho,  
E caiu sobre o chão, morto no caminho.

O fidalgo correu para o quarto, a chorar,  
Pronto para o cadáver do filho abraçar...  
Mas qual não foi o seu espanto, a sua surpresa bendita,  
Quando viu o menino, que sorria na fita,  
Salvo, sem nenhum arranhão, no chão deitado,  
E ao lado, o lobo morto, enorme e ensanguentado!

O pai caiu de joelhos, chorando de remorso,  
Abraçado ao cadáver do cão, naquele espaço,  
Mas Gelert já não via a sua dor tardia,  
Que por erro e por pressa o dono lhe trazia.

E reza a lenda antiga, que o nobre cavaleiro  
Nunca mais quis caçar, chorando o ano inteiro,  
E ergueu um monumento ao cão que ali jazia,  
Para lembrar ao mundo o erro daquele dia.

---

## Sobre o Autor

*Ainor Francisco Lotério, ex-aluno do Colégio Frei Manuel Felipe, em Imbuia, e discípulo do professor Volnei Luís Lutz, guarda dessa lembrança uma profunda e saudosa reverência. A influência daquele tempo consolidou sua vocação para o universo das letras e do conhecimento. Hoje, engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, possui mestrado em Gestão de Políticas Públicas e especializações em Psicopedagogia, Gerenciamento de Marketing, Metodologia do Ensino Superior e Extensão Rural. Com uma rica trajetória que une a vivência técnica, científica e humanística, atua como escritor, palestrante motivacional e profissional da área de literatura, transformando aquela antiga semente cultural em instrumento de desenvolvimento humano e expressão literária.*

[www.ainor.com.br](http://www.ainor.com.br) | [www.loterio.com.br](http://www.loterio.com.br)